

RIO DE JANEIRO

BERNARDO COSTA
bernardo.costa@odia.com.br

BRUNA FANTTI
bruna.fantti@odia.com.br

Revolta e choque de versões marcaram ontem o sepultamento do corpo da designer de interiores Kathlen Romeu, 24 anos, morta na terça-feira na comunidade Barro Vermelho, no Complexo do Lins. Grávida de quatro meses, ela levou um tiro de fuzil em ação na PM na localidade na terça-feira. A jovem não era moradora e estava a caminho da casa de uma tia. Familiares e amigos pediram justiça durante o enterro. Todos estavam revoltados com a verão da PM de que o tiro que a matou não foi dado por policiais. Cerca de 300 pessoas acompanham o enterro no Cemitério São Francisco de Paula, no Caju.

A Delegacia de Homicídios da Capital apreendeu 21 armas de PMs que estavam no momento em que Kathlen foi baleada. A polícia já sabe que ela foi atingida uma única vez, com um tiro de fuzil no peito transfixante: o projétil não ficou alojado. Entre as armas apreendidas: 10 fuzis 7.62 mm; cinco fuzis 5.56 mm; e nove pistolas.40. Foram ouvidos cinco PMs.

A declaração do porta-voz da PM, major Ivan Blaz, foi a causadora da revolta. Ele afirmou que policiais da UPP do Lins foram atacados por traficantes e que militares disseram que não foram os responsáveis pelos disparos que mataram a jovem.

A mãe de Kathlen, Jacklline de Oliveira, rebateu a versão da PM. Ela esteve ontem no IML para liberar o corpo. Emocionada e em tom firme, disse ter certeza de que a bala partiu dos policiais.

“O MAJOR MENTIU”

“Se minha filha fosse morta por bandido, não falaria nada com vocês (imprensa). Sei que moro num lugar que eu não poderia falar. Mas foi a polícia quem matou minha filha. Foi a PM que tirou minha vida, meus sonhos”, afirmou. “Avisé ao major Blaz: vi a fala dele na TV, e o major mentiu. Se eu tiver força, tiver vida, isso não vai ficar em vão. A polícia não foi recebida a tiros. Quem foi recebida a tiros foi a minha filha”, completou.

Em tom de desabafo, o pai de Kathlen, Luciano Gonçalves, ressaltou a diferença de atuação das polícias nas comunidades e nos bairros mais ricos do Rio.

“As pessoas que moram na Zona Sul só conhecem as histórias da varanda, não sabem da missa metade do que acontece nas comunidades. Quando falam que tem que entrar na comunidade dando tiro...99% das pessoas de lá são de bem. O tiro ao alvo que tem na nossa área, não tem na Zona Sul. Eu falava com minha mãe: meu neto vai nascer com os pais formados”, lembrou.

“MATARAM INOCENTE”

Moradores usaram o termo “Cavalo de Tróia” para explicar a ação. “Fizeram ‘Tróia’ para atacar os bandidos, mas mataram inocente grávida. Estavam escondidos numa casa, esperando os bandidos. Quando surgiram, atiraram. Foram dois tiros. Não houve tiroteio”, afirmou moradora que disse ter presenciado o momento.

Segundo ela, os PMs só pararam de atirar após gritos da avó da vítima: “Depois dos tiros eu vi a tia gritando: ‘Para, ajuda a socorrer’. Pararam de atirar”. A moradora denuncia: “Os PMs procuraram cápsulas para recolher e limpavam o sangue no chão. Mas tem marca do sangue no muro, perto de um buraco de bala, de fuzil”.



Luciano Gonçalves e Jacklline de Oliveira, pais de Kathlen, desmentiram porta-voz da PM

VERSÃO DA PM QUESTIONADA PELOS PAIS DE KATHLEN

Moradores e familiares da jovem grávida de quatro meses, morta após ser baleada em tiroteio no Complexo do Lins, garantem que disparo partiu dos policiais militares



Moradores protestaram pacificamente contra a morte de Kathlen

CAVALO DE TRÓIA

‘Não teve tiroteio’, garante amigo

Um amigo da família também afirmou que não houve tiroteio, apenas tiros disparados pela PM. “Estavam de ‘Tróia’ nessa casa esperando os bandidos armarem a boca de fumo, que existe ali no local, no meio das casas e do comércio. A casa da avó da Kethlen fica perto. Quando eles colocaram a boca de fumo os policiais, na casa, atiraram. Não deu tempo de os bandidos revidarem. Eles que estão nessa vida sabem se proteger. Os moradores inocentes, não”.

Questionada por O DIA, a PM não respondeu sobre a denúncia dos moradores em relação à ação “cavalo de troia”, e que teriam limpado o sangue no local. A corporação informou que o CPP vai apurar as

circunstâncias do fato. Procurada, a Polícia Civil não respondeu. A DH investiga o caso.

Um protesto pacífico foi feito ontem por moradores contra a morte de Kathlen, nas principais ruas do Lins, no começo da noite. Parte dos manifestantes seguiu direto do sepultamento. Eles pediram justiça e o fim da violência nas comunidades. Kathlen havia se formado em design de interiores e trabalhava como modelo e vendedora de loja. Cerca de mil pessoas participaram da passeata.

Manifestantes carregavam cartazes como: “Governador, chega de castrar nossos sonhos”, “Justiça por Kethlen! Governo assassino!” e “Contra o genocídio, rebelar-se é justo”.

Namorado faz desabafo emocionado

O tatuador Marcelo Ramos usou seu perfil no Instagram para desabafar em relação à versão dada pela PM sobre a morte da namorada, Kathlen Romeu. Ele defendeu que a polícia tem distorcido a maneira como a ação aconteceu.

“Não consigo ver TV, os noticiários, não consigo ver nada, só as mensagens positivas que estão me mandando. Eu estou sabendo que a PM está tentando mudar os fatos. Eles são os culpados! O culpado tem nome, é esse estado, essa polícia despreparada!”, disse, emocionado.

Mais cedo, o porta-voz da PM, major Ivan Blaz, afirmou que o tiro que matou a jovem não partiu de PMs. Marcelo citou a ação da Polícia Civil no Jacarezinho, a mais sangrenta da história do Rio, e desabafou: “Amanhã é outra família que está perdendo alguém próximo e isso não vai acabar, mas a gente tem que falar, temos que dar nossa voz”.

MAYA OU ZAYON

Nomes foram escolhidos

Kathlen Romeu já tinha decidido o nome do seu primeiro filho. Nas redes sociais, a designer de interiores, que estava com 14 semanas, publicou um texto sobre a gravidez e anunciou os possíveis nomes: Maya ou Zayon.

“Estou me descobrindo como mãe e fico assustada pensando em como vai ser... Dou risada, choro e tenho medo. Um misto de sentimentos. Talvez os mais doidos do mundo, mas vou dar risada lá na frente...Obrigada Senhor por abençoar meu ventre e me permitir gerar o amor da minha vida”, escreveu a designer.

“Acordo às vezes assustada e pensando que não é real, mas aí vem uma fome de leão, uma dor de cabeça, um sono inacabável, uns enjoos incontroláveis e as azias que só Jesus me ajudando! Tem horas que penso que ficarei presa com os meus arrotos! É, tem sido desse jeito e nessa hora que eu lembro: Estou grávida”, continuou ela no post na rede social.

A plataforma Fogo Cruzado contabiliza 15 mulheres grávidas baleadas na Região Metropolitana do Rio desde 2017. Delas, oito morreram. A mais recente vítima foi Kathlen, grávida de 14 semanas.

Caso gera uma grande comoção nas redes sociais

A morte de Kathlen Romeu gerou repercussão e familiares e famosos lamentaram a perda da jovem para a violência do Rio. Nas redes sociais, o namorado e pai do bebê, Marcelo Ramos, também lamentou a morte e disse estar “sem chão”.

A atriz Vitória Rodrigues prestou uma homenagem à jovem. “Me vejo no riso dela e acho que por isso chorei ao ver essa foto! Chorei pelo cansaço

de ver sonhos perdidos que sempre são os nossos”, disse. “Isso se chama ‘necropolítica’ e é a única coisa que deveria ser barrada”.

O Instituto Marielle Franco lamentou a morte e pediu: “Parem de nos matar!”. “Matam nossos filhos, matam nossas mães! O Estado retirou mais uma vida negra e favelada que estava gestando outra vida. Investigação urgente!”.

O ator Icaro Silva se manifestou e ressaltou que a notícia

da morte da jovem lhe causa “náusea”. “Uma notícia que se repete com tanta frequência que dá náusea. Inocentes. Pretos. Mortos. Operação policial. O Estado brasileiro não está em guerra contra as drogas. Está, desde sua formação, servindo ao extermínio da população preta e periférica”, lamentou.

A atriz Tais Araújo pediu justiça. “Todos os dias eu tento buscar formas de reavivar ainda mais a nossa autoestima, porque acredito sim que

esse é componente poderoso para fortalecer nossos jovens. Estava falando sobre ancestralidade e beleza, e quero muito poder narrar a negritude para além da morte e da violência que é imposta, sem ignorar os acontecimentos, claro, mas mostrando que somos muito mais do que isso. Mas é difícil continuar falando sobre beleza e futuro quando as vidas de jovens pretos estão sendo constantemente interrompidas...”, escreveu.